



ID: 114543927

09-12-2024

A China hoje e amanhã - o que deve ser dito



Helena Lopes

A China é hoje uma superpotência económica, mas o que mais importa é que controla hoje as tecnologias e os recursos para as energias renováveis, e a história mostra, como os economistas sabem, que o domínio das fontes energéticas se traduziu sempre numa mudança da liderança mundial.

Em termos de discurso, é a Europa que promove a transição ecológica, mas, em termos de factos, foi a China que percebeu o alcance da questão ecológica e investiu em conformidade.

Pequim não investiu nas indústrias verdes por alguma sensibilidade particular à saúde do planeta (continuará a ser o maior poluidor do mundo), mas porque percebeu que estava em causa a sua segurança energética e que era essa a aposta económica para o futuro.

A China disputa com os Estados Unidos a

liderança nas tecnologias digitais – 5G, inteligência artificial, computação quântica –, mas os seus avanços nas tecnologias verdes fazem dela o único e inquestionável líder nessa área.

Em 2007, Hu Jintao colocou na ideologia oficial do Partido Comunista Chinês a construção de uma “civilização ecológica”, inscrita na Constituição em 2018. São mais do que palavras; a transformação ecológica penetrou no imaginário dos chineses e traduziu-se em investimentos maciços.

Pequim dispõe de 60% do potencial mundial de fabrico de células fotovoltaicas e 40% dos componentes de eólicas. Detém um quase monopólio da transformação (não da extração) dos materiais críticos: 90% do grafite, 85% das terras-raras, 70% do cobalto, 68% do lítio, 40% do cobre e níquel. A procura destes recursos vai explodir nos próximos anos. A China é o “atelier ecológico” do mundo.

É para se proteger do poder económico e da liderança ecológica da China que os EUA fecham as fronteiras; por causa da sua dependência, que a Europa não pode ser tão protectionista. Hoje, as decisões estratégicas de muitas empresas europeias, incluindo portuguesas, são mais condicionadas pela concorrência chinesa do que pela americana e as negociações comerciais com Pequim, por

serem imprescindíveis, são porventura mais assimétricas.

A China impôs-se como superpotência devido não só à visão e às decisões internas, mas também devido à falta de visão e decisões dos países ocidentais. Tornou-se o “atelier industrial” do mundo, porque os países ocidentais decidiram explorar os salários baixos dos chineses e livrar-se das indústrias poluidoras e extrativas que os europeus não queriam no seu solo.

Enquanto Pequim tirava 800 milhões de chineses da pobreza, milhões de empregos industriais desapareciam na Europa, os salários estagnaram e as desigualdades aumentaram. Encurralados no paradigma liberal que promoveram, os ocidentais têm hoje dificuldade em “se reindustrializar”.

Se os erros estratégicos do Ocidente se devem ou não ao seu modo de governo, ou seja, à democracia, que obriga a governar para os votos, é uma questão em aberto. Estou convencida de que o maior desafio que Xi Jinping lança ao Ocidente é o de mostrar que o regime chinês é melhor do que o ocidental.

Um excelente artigo do PÚBLICO lembra que Bill Clinton afirmou em 2000 que a China acabaria por se democratizar. Em 1998 já tinha declarado: “Líderes dotados de visão, imaginação e coragem encontrarão formas de pôr a China do lado certo da História.”

O que aconteceu desde então é vertiginosamente irónico. Paulatinamente, sem arrogância nem narcisismo, Pequim controla hoje o declínio do *Small West* e constrói as bases institucionais para a ascensão do *Big Rest* – denominação mais apropriada do que Sul Global. E os problemas internos, apontados por vários analistas, não vão reverter a remodelação geopolítica já conseguida pela China.

Como acreditar na democracia, quando os poderes públicos ocidentais se revelam incapazes de resolver os problemas dos cidadãos e enfrentar o mundo de hoje? Como respeitar os valores ocidentais, quando a comunicação *media porn* de Trump (e outros) contrasta tão radicalmente com o angélico sorriso com que Xi Jinping percorre o mundo?

Gostaria que a Europa analisasse, com humildade, a crise de autoridade, profunda e multidimensional, que atravessa. Que não esquecesse que Hannah Arendt sublinhou que autoridade não é autoritarismo, desde logo porque a autoridade é compatível com democracia. Que tomasse consciência de que não há coletivos, só há individualismos, sem autoridade. Só assim se poderá proteger o bem comum e salvar a democracia.

Professora do Iscte